

Com a palavra os estudantes: a micropolítica escolar e participação dos alunos na gestão educacional

With students in the word: school micropolicy and student participation in everyday educational.

Walter Pinheiro Barbosa Junior¹
Adriana de Vasconcelos Cavalcanti²

Resumo

Este artigo discute a micropolítica escolar, com foco na participação dos estudantes do 9º ano na gestão educacional de uma escola cooperativa. É o resultado de uma pesquisa de mestrado, para compreender como os estudantes participam da gestão de uma escola, cuja razão de ser institucional é fazer os estudantes pensar melhor. O estudo seguiu pelo viés da pesquisa qualitativa e o arcabouço teórico sustenta-se no pensamento e fundamentação teórica de Célestin Freinet e de Paulo Freire. Concluímos que a escola estudada faz sua gestão escutando os seus alunos e atentamente, implementa sua política e pedagogia, incluindo, nas decisões da escola, as opiniões e recomendações dos estudantes, sendo lugar transformador e escola para vida.

Palavras-chave: estudantes. escola. política. educação. participação

Abstract

This article discusses school micropolitics, focusing on the participation of 9th grade students in the educational management of a cooperative school. It is the result of a master's degree research, to understand how students participate in the management of a school, whose institutional reason for being is to make students think better. The study followed a qualitative research approach and the theoretical framework is based on the thinking and theoretical foundations of Célestin Freinet and Paulo Freire. We conclude that the school studied manages itself by listening to its students and carefully implements its policy and pedagogy, including, in the school's decisions, the opinions and recommendations of the students, being a transformative place and a school for life.

Keywords: students. school. policy. education. participation

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Brasil. E-mail walter.pinheiro@ufrn.br orcid <https://orcid.org/0000-0003-0186-6837>

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Brasil. E-mail adriana.cavalcanti.024@ufrn.br orcid <https://orcid.org/0009-0006-3617-3896>



Introdução

Discutimos neste artigo o resultado de uma pesquisa ao nível de mestrado, que estudou as relações na micropolítica escolar, com ênfase na participação dos alunos na gestão educacional da Escola Cooperativa Freinet. Pensar a política na escola como um processo micro, como intitulamos de micropolítica, é algo que nos infere a possibilidade de observar e analisar cada saber, cada corpo, cada forma de pensar e agir cotidianamente, afinal, a política é um processo que vivenciamos dia a dia a cada ação que realizamos.

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de pós-graduação em educação — PPGED —, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, no ano de 2018 e tomou como base empírica uma turma de estudantes do 9º ano — do Ensino fundamental II, da Escola Cooperativa Freinet. Circunscrevemos o período de estudo dessa turma em dois anos: 2018 a 2020. Nosso foco principal foi compreender a participação dos alunos na gestão educacional escolar, ou seja, em suas atividades pedagógicas cotidianas que inspiram nos alunos a liberdade e o fazer político em sua essência, para dar ênfase a micropolítica escolar.

A escola cooperativa, lócus da pesquisa, possui uma quaternidade que a caracteriza: ela é um empreendimento cooperativista; reúne na mesma sala de aula alunos de duas classes sociais distintas; desenvolve uma pedagogia cujo centro do processo ensino-aprendizagem é o aluno, é com ele e para ele que o ensino acontece; e, como quarta característica podemos indicar que o número máximo de alunos na sala do Ensino Fundamental — Anos Iniciais (1º a 5º ano) é de 25 alunos, no Ensino Fundamental — Anos Finais (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio (1º ao 3º ano), pode-se chegar no máximo a 30 alunos. Dentro dessas quatro características da Escola Freinet, cujo eixo de gravitação são os alunos, outro aspecto de grande relevância que a pesquisa nos possibilitou observar foi que as salas de aula na Freinet são organizadas em grandes ateliês, onde se realizam atividades por área de conhecimento.

Estas, por sua vez, são compostas de disciplinas que geram possibilidades de ~~trabalho, proporcionando aos alunos, se tornarem autores do seu próprio processo de~~



proporcionando aos alunos, se tornarem autores do seu próprio processo de aprendizagem.

Tivemos em vista compreender, através do estudo das práticas que ocorrem cotidianamente, a concepção de educação e as estratégias da escola para implicar o estudante com a gestão cotidiana do pensar e fazer escolar, considerando, aspectos como o contexto educacional, político, econômico, social e cultural no qual o aluno está inserido. Pois, entendemos que a ação educativa tem como base justamente estes fatores.

Para isso, realizamos uma imersão no cotidiano da escola estudada observando, problematizando suas ações e registrando em nosso caderno de campo com o propósito de compreender como se organizam as práticas políticas, educativas e a metodologia da Escola Cooperativa Freinet, que para nós se materializam na forma de micropolítica cotidiana. Quanto as dimensões pedagógicas e práxis política de gestão, assumimos como interlocutores dois teóricos praxiológicos: Célestin Freinet (suas técnicas) e o pensamento de Paulo Freire (dialógica), as construções teóricas desses pensadores encontram-se como pilares de sustentação da escola que assumimos para realizarmos nossa pesquisa. Vinde e vede.

Interlocutores que nutriram os estudos: Célestin Freinet e Paulo Freire

Para sentir de forma tácita e compreender a micropolítica escolar e a participação dos alunos no cotidiano da gestão educacional da Escola Freinet, nossa fundamentação teórica buscou luz no pensamento de Célestin Freinet e de Paulo Freire, potentes identificadas e interpretadas nas teorias do conhecimento de ambos, exploradas em suas obras à Pedagogia do bom senso (2004) e Educação do trabalho de Freinet (1998) e Pedagogia do oprimido (2002) e Educação como prática da liberdade (2000) de Freire.

No entanto, as práticas desenvolvidas na escola, práxis pedagógicas, baseadas em métodos ativos, nos mostra o estreito caminho entre as técnicas de Célestin Freinet e o pensamento de Paulo Freire. Educadores como Freinet e Freire tinham algo em comum, a ideia de que a escola é lócus de socialização, educação, escolarização e emancipação.



Desse modo, Freire nos diz que, ninguém luta contra forças que não entende; ninguém transforma o que não conhece, quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor (FREIRE, 2002).

Ou seja, uma conspiração contra a ideia de um sistema educacional baseado numa teoria que abrange apenas habilidades e competências e que não converge para a educação integral. Logo, ao refletir sobre a transformação de uma sociedade, é preciso matutar sobre que tipo de sociedade procura-se gerar.

Nesse viés, o diálogo entre Freinet e Freire interligam-se quando falamos da relação entre educação e humanização. Pois, de um lado, Paulo Freire defende em sua práxis a substituição da educação tradicional pela educação orientada e para a criação de disposições mentais críticas, favoráveis à participação, coletividade, à dialogicidade.

Do outro lado, Célestin Freinet defende em sua práxis que o aluno tenha motivações e entusiasmos no qual o professor deve proporcionar liberdade e favorecer um espaço ao processo de ensino, facilitando, por sua vez, a aprendizagem dos estudantes através de suas técnicas pedagógicas, direcionadas para a vida.

Por meio de seu aporte teórico, métodos e técnicas como o princípio da cooperação, a educação pelo trabalho e a pedagogia do bom senso, Freinet, compreendeu que a escola se torna viva e germinadora de atividades emancipadoras cotidianas no que concerne a gestão das relações.

A pedagogia do bom senso exemplifica que a educação não é uma fórmula de escola, mas um tipo de obra de vida. “Transformar tecnicamente a escola da saliva e da explicação em um inteligente e flexível canteiro de obras, eis a tarefa urgente dos educadores” (FREINET, 2004, p.110).

De forma quase tangível, podemos perceber que tanto Freinet quanto Freire não só criticam as formas tradicionais do ensino e da aprendizagem, mas apontam ações práticas e simples através de suas experiências, voltados aos processos políticos e de autogestão do aluno: Freire — com as expressões da emergência política das classes populares e com os movimentos sociais; Freinet, com as técnicas e práticas pedagógicas e o ensino direcionado ao povo. As contribuições de Paulo Freire para a educação são de



extrema importância, assim como a ênfase dada por ele à educação popular, a essa mesma educação tida como um ato político. Em sua obra, Educação como prática da liberdade Freire nos diz:

Por isso, a ação educativa, na perspectiva freiriana, permite e estimula a reflexão sobre o mundo, sobre as situações problemas, a fim de que se tome consciência da necessidade de um compromisso com a sua realidade. Nesse processo de conscientização, o sujeito pode descruzar os braços, renunciar a ser simples espectador e participar do processo (FREIRE, 2000. p.13)

Na verdade, é mais do que isso; é a proposta de uma educação voltada à formação de agentes da mudança social. O que tivemos em vista deixar como contribuição, para futuras pesquisas sobre a pedagogia de Célestin Freinet e o Pensamento de Paulo Freire justifica-se não somente pelo meio do ensino e da aprendizagem de ambos, que ocorre por meio da cooperação entre os pares, da provocação de criatividade e na autonomia como itinerância de conhecimento e descobertas, mas sim, como processo vivo e filosófico que se materializa por meio dos micros processos políticos cotidianos, que denominamos, micropolítica.

A escola cooperativa de Natal

Brevemente, situaremos o leitor sobre o lócus de nossa pesquisa: a Escola Freinet. Uma instituição educacional mantida por uma cooperativa de professores que tem como patrono Célestin Freinet (1896-1966) e a luz de sua metodologia como prática pedagógica.

Foi criada em 30 de outubro de 1996, por meio de uma proposta de parceria feita pela direção do Educandário Osvaldo Cruz, instituição filantrópica de assistência a crianças e adolescentes de classes desfavorecidas economicamente a professores e professoras da rede pública, do Rio Grande do Norte, que constituíam a cooperativa de professores. Nesse movimento, a cooperativa de professores aceitou a proposta de parceria feita pela direção do Educandário Osvaldo Cruz, com esta finalidade e articulada com a Lei n.º 9.394, de 20/12/1996, propõe-se a atingir os objetivos de difundir, entre os



estudantes, os princípios cooperativistas, a fim de que possam aplicá-los na vida em sociedade.

A Escola iniciou suas atividades em 1996 com poucas turmas, aproximadamente trezentos alunos, tendo salas de aula de Educação Infantil e de Ensino Fundamental. Esse número foi crescendo com o passar dos anos, chegando no ano de 2006, ao quantitativo de mais de seiscentos alunos, recebendo também alunos do Ensino Médio. É preciso deixar registrado que a Escola Freinet de Natal, apresenta quatro características que a diferenciam das demais escolas públicas e privadas do Estado do Rio Grande do Norte.

Em primeiro lugar, ela é um empreendimento cooperativista, ou seja, todas as suas funções administrativas e pedagógicas são assumidas pelos professores membros da Cooperativa, ou seja, seus cooperados. Em segundo lugar, reúne na mesma sala de aula alunos de duas classes sociais bem distintas: crianças de classe social mais favorecida como filhos de professores universitários e crianças atendidas pela parceria firmada entre a Cooperativa de Professores e a Sociedade Eunice Weaver.

Devemos considerar, em terceiro lugar, como característica peculiar da escola, o desenvolver de uma pedagogia diferenciada dos ensinamentos tradicionais, a qual é a pedagogia Freinet, cujo centro do processo ensino-aprendizagem é o aluno, é com ele e para ele que o ensino acontece.

Por fim, o quarto aspecto nos infere que para que essa pedagogia funcione a contento, o número máximo de alunos, em sala de aula, no Ensino Fundamental — Anos Iniciais (1º a 5º ano) é de 25 alunos; no Ensino Fundamental — Anos Finais (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio (1º ao 3º ano), pode-se chegar a 30 alunos, em casos excepcionais, se as condições assim o permitirem.

Suas salas são organizadas em grandes ateliês, onde são realizadas atividades por área de conhecimento. Estas, por sua vez, são compostas de disciplinas que geram

possibilidades de trabalho, proporcionando aos alunos, se tornarem autores do seu próprio processo de aprendizagem.

Procedimentos metodológicos

Desenrolando nossa tecitura, e agora expondo nossa metodologia, nosso objetivo nesse artigo é expor, por meio de um dos capítulos da dissertação, como se materializa a micropolítica na escola que proporciona a participação dos alunos na gestão cotidiana das atividades educacionais. Como método referencial escolhemos o materialismo histórico e dialético, pois partimos da premissa de que este método, é um fenômeno que objetiva uma aproximação do modo como o objeto se apresenta e não como o idealizamos. Entendemos que os fenômenos de fato acontecem de forma concreta, histórica e dialética, ou seja, a realidade existe independentemente das ideias que trazemos.

Sabemos que a concepção materialista se funda na maneira humana de produção histórica e social da existência. A escolha desse método se deu principalmente por estarmos buscando entender como as práticas políticas e sociais da Escola Freinet educam os sujeitos para o exercício social e político em sua vida cotidiana.

O fato, portanto, é o seguinte: indivíduos determinados, que como produtores atuam de modo também determinado, e assim estabelecem entre si relações sociais e políticas determinadas. Esse fato corrobora com a premissa de que ao utilizarmos o materialismo histórico e dialético não podemos deixar de buscar responder algumas questões: como aqueles indivíduos vivem? Como são? De onde vem? Os processos sociológicos: Como se organizam? na busca por entender: como se socializam e como aprendem. É preciso compreender que está ali implícita uma realidade que existe independentemente das nossas ideias sobre a pesquisa.

Na visão de Kosik (1978, p. 42), “a realidade traduz-se num todo estruturado e dialético, no qual se compreende o concreto construído na articulação entre os fatos e os conceitos”, portanto: Precisamente porque a realidade é um todo estruturado que se desenvolve e se produz, o conhecimento dos fatos, ou do conjunto de acontecimentos da realidade, vem a ser o lugar que ocupam na totalidade desta realidade [...]. Essa imersão



na compreensão do materialismo histórico e dialético, me permitiu aprender que efetivamente não devemos separar sujeito de objeto.

Assim, inspirados por esse método, realizamos atividades iniciais de observação das práticas cotidianas da escola, para em seguida trabalharmos com as técnicas de pesquisa documental, que implicam na análise preliminar de documentos importantes para a constituição da Cooperativa de Trabalho dos Professores do RN, como o Estatuto de Constituição da Cooperativa, o Regimento Interno e o Projeto Político Pedagógico.

Procuramos nesses documentos compreender de forma crítica, por meio da análise cuidadosa os fundamentos e princípios-base para o processo pedagógico na escola. Esse processo se deu por meio da leitura dos documentos, e de conversas com a gestão atual, onde constatamos, por meio da criticidade o caminho norteador para criação da escola, que se deu por configurar-se uma instituição diferente dos ensinamentos tradicionais, cuja pedagogia pudesse revolucionar o ensino.

O próximo passo foi aplicar o questionário específico para identificar como se caracteriza o aluno da Escola Freinet. Esses alunos são sujeitos da pesquisa nas dimensões, sociais, políticas e da aprendizagem. Nosso último passo na busca da construção de dados e informações foi realizarmos o grupo focal com os alunos.

A técnica de grupo focal situa-se no campo da pesquisa qualitativa e se constitui em uma técnica de construção de informações, dados e análise dos mesmos, que acontece por meio da interação grupal.

A escolha por essa ferramenta de construção de dados, nos deu acesso à fala dos alunos, como veremos mais adiante. Para preservar a identidade dos participantes criamos uma tabela norteadora de unidades de sentido, para guiar nossa reunião. A estratégia se deu sob a forma alfanumérica em que a categoria explorada para arguição dos estudantes era organizada da seguinte forma, a letra A quando referente a escola, a letra B quando nos referíamos a política e a letra C quando falávamos sobre práticas pedagógicas. Os números que seguem as letras, dizem respeito a ordem de fala dos alunos. Participaram



do grupo focal os dezesseis alunos da turma pesquisada, tivemos dois momentos de reunião, com a mediação da pesquisadora, de um professor e do gestor da escola.

Percebemos que os alunos que participaram do grupo focal, não tiveram dificuldade alguma em participar das conversas motivadas pelas perguntas norteadoras. O grupo focal se constituiu em uma proposição muito rica, porém complexa de vivenciar, por serem vários sujeitos num mesmo espaço, onde são apresentadas algumas questões para eles discutirem.

Micropolítica e o entrelace a Gestão Educacional.

Os estudos empreendidos no curso da nossa pesquisa, nos possibilitaram compreender que é importante valorizar as pequenas e grandes práticas pedagógicas que inspiram o pensamento político cuidadoso e socialmente responsável no aluno, que muitas vezes, desenvolvidas de forma tímida e implícita.

Assim, o debate acerca de dois processos importantes, a micropolítica escolar e gestão educacional, se inserem no âmbito das discussões sobre a organização escolar e as relações nessa escola.

A micropolítica acontece no momento em que, ações como conversas, combinados, alianças e até resistências que se desenvolvem e se tornam visíveis à medida que os atores (estudantes, professores e educadores) imergem neste cenário peculiar (GONZÁLEZ, 1997; RUIZ, 1997). Nesse sentido, para representar esse processo tímido e implícito, a afirmação a seguir, nos diz que “Tudo é político, mas toda a política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.99). A micropolítica presente nos diferentes grupos e espaços sociais é peculiar no âmbito escolar.

Para Hoyle (1982), a micropolítica escolar está centrada nas “estratégias com as quais os indivíduos e grupos que se encontram em contextos educativos tentam fazer uso de seus recursos de poder e influência, a fim de promover seus interesses” (ibidem,p.35), o que confere a cada cenário sua especificidade, por meio da criação de novos pensamentos, atitudes, movimentos, espaços, entre outros processos relacionados as



relações humanas e sociais. “A política é uma experimentação ativa, porque não se sabe de antemão o que vai acontecer com uma linha. Fazer a linha passar, diz o contador, mas justamente pode-se fazê-la passar em qualquer lugar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.159).

Com base nesse pensamento, o entrelace da micropolítica a gestão educacional, vai nos dizer que os processos educativos na Escola cooperativa Freinet, questionam a escola que temos e a escola que desejamos e precisamos, pois, a escola ainda se apresenta em sua maioria nos moldes tradicionais, burguês, e elitista, e o que precisamos e de uma escola popular e libertadora e democrática com uma gestão educacional que trabalhe para a liberdade de agir e pensar do aluno, uma nova qualidade. Paulo Freire, nos mostra a gestão educacional pelo surgimento de uma nova escola, assim como, como a vê emergindo do velho modelo. Paulo responde que vê esta colocação como uma das curiosidades do tempo ou uma das razões de ser das desse novo modelo de gestão:

É o uso da liberdade que nos leva à necessidade de optar e está à impossibilidade de ser neutros. Agora bem, a impossibilidade total de ser neutros em face do mundo, do futuro – que não entendo como um tempo inexorável, um dado, mas como um tempo a ser feito por meio da transformação do presente com que se vão encarnando os sonhos –, nos coloca necessariamente o direito e o dever de nos posicionar como educadores. (FREIRE, 2000, p.36)

Freire expõe, que se há uma opção democrática, na gestão educacional, com práticas coerentes e sua procura da melhora qualitativa da gestão educacional. Segundo o autor, não devemos nos apropriar de práticas autoritárias, em que não há respeito as possibilidades dos outros, especialmente os alunos. Se formos assim, ocorreu uma falsa tentativa de democracia no qual se procura opiniões por algo já elaborado. Enquanto do ponto de vista democrático.

Para alumiar o pensamento do leitor, sobre a micropolítica escolar, gestão educacional e as teorias freinetianas, faremos uma breve descrição sobre uma das técnicas observadas que transmite em sua essência o fazer democrático, o exercício do pensamento político, a análise crítica e reflexiva do seu meio, ações e do convívio com o outro para a

construção da realidade cotidiana e autogestão dos alunos, trata-se da Reunião cooperativa. Esta atividade é uma técnica desenvolvida na Escola Freinet como um momento destinado ao balanço semanal para detectar tanto algumas falhas no processo de aprendizagem, como algumas capacidades ainda não completamente atingidas, tendo em vista revisão e reajuste imediato dos trabalhos realizados na semana letiva em curso, bem como reorganizar as atividades para a semana seguinte.

Na Reunião Cooperativa deve-se reservar um momento especial que se pode intitular momento do Conselho Cooperativo, para se tratar dos problemas que estão interferindo no bom desenvolvimento dos trabalhos, e, de imediato, propor soluções viáveis, como, por exemplo, o estabelecimento de regras de vida, que devem ser propostas pelos alunos e, conseqüentemente cumpridas por eles.

De acordo com Dantas (2001) um dos aspectos mais importantes para a vida cooperativa é o conselho. E o que é o conselho? Alguns perguntam e devido à variedade de terminologia que se empregam, podem ser conceituados como: reunião cooperativa, reunião de cooperativa, reunião de conselho cooperativo, entre outras. Em nosso caso, em específico na Escola Freinet, ocorrerá uma Reunião Cooperativa.

Todas as semanas, na sexta-feira, o grupo de alunos e docentes discutem questões concernentes à vida da classe. Inicialmente é organizada a gestão dos encontros, para isso é nomeada uma equipe constituída de presidente, vice-presidente, secretário e vice-secretário. Todas as situações deliberadas são registradas em atas. Em cada sala de aula, no momento da reunião, são afixados painéis com os dizeres: eu critico, eu sugiro, eu parabeno. De acordo com Cavalcanti (2017) é preciso ter nas reuniões três preocupações básicas vejamos:

A primeira será abordar, analisar, discutir e rever diferentes aspectos dos relacionamentos do grupo no desenrolar dos trabalhos de classe. A segunda, planejar e organizar os trabalhos a serem desenvolvidos no determinado espaço de tempo da semana, para a reunião poder ocorrer toda sexta-feira de cada semana. A terceira é avaliar os resultados

obtidos na execução do plano de trabalho elaborado coletivamente (CAVALCANTI, 2017 p. 18).

O momento da Reunião Cooperativa expressa o caráter de autogestão da classe e possibilita uma análise coletiva das relações entre os alunos, estimula o pensamento crítico, se materializa em micropolítica por meio das trocas de pensamento democrático. Durante toda a semana, os alunos vão escrevendo bilhetes que vão sendo colocados em envelopes relacionados aos dizeres dos painéis.

Esses, escritos, servem como ferramenta para resolver conflitos. Neles os alunos fazem registros que posteriormente serão utilizados como pauta na reunião. Essa reunião deve ter um tema sugerido pelos alunos conforme o que foi recorrente em toda a semana que se passou. Logo após esse momento, inicia-se a retirada dos bilhetes colocados nos painéis com os dizeres eu critico, eu sugiro e eu parabenizo, que serão devidamente lidos pelo presidente.

Em seguida, realiza-se a auto-hétero-avaliação, que é quando cada aluno avalia sua conduta e suas atitudes por meio das cores verde: muito bom, amarela: bom e vermelha: preciso melhorar. É interessante explicar que essa atividade dispõe de um tipo de organização gerencial, em que nas séries da Educação Infantil e Fundamental Anos Iniciais (em especial do 1º ao 5º ano) esse gerenciamento ou mediação poderá ser realizada pelo professor, e a partir do 6º ano passa a função de gerenciamento e mediação para os alunos.

Dando continuidade, pode-se observar que o presidente organiza as falas dos alunos para que todos que desejem possam se expressar verbalmente enquanto o secretário anota os resultados em ata. Esse momento é chamado de consideração final, o professor participa, mas não interfere, exceto caso seja preciso. É importante registrar que o professor também realiza no final a sua avaliação da reunião.

Com essa técnica, Freinet (2004) cria as condições para que os próprios sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem se impliquem como sujeitos que avaliam e

percebem as mudanças promovidas na e pela escola, pois seu êxito não está centrado na figura do professor ou dos conteúdos.

Tal processo estimula não apenas a cognição ou a percepção, mas proporciona a fundo a educação moral, quando o aluno faz uma análise não apenas das atitudes dos seus colegas e professores, mas também de si próprio, trabalhando diretamente as questões e normas de convivências, criando conceitos morais sobre o ambiente, suas atitudes, as atitudes de seus colegas e de todos que fazem parte da escola.

Por meio das experiências relatadas, dos estudos e pesquisas realizados, especialmente nas últimas décadas, constata-se que a pedagogia Freinet apresenta aspectos fundamentais que a torna possível e necessária ao trabalho pedagógico em todo e qualquer nível de ensino, da educação infantil ao ensino superior.

Com a palavra, os estudantes: A participação na gestão educacional cotidiana.

Chegamos a um momento especial desse texto, em que apresentamos resultados da nossa pesquisa, o momento de expor o que nos possibilitou uma aproximação dos alunos da escola Freinet durante a pesquisa. Eles são nossos protagonistas e, por isso mesmo, apresentamos aspectos que nos falem sobre sua constituição de pensamento sócio, econômico, políticos e educacionais.

Na escola Freinet podíamos encontrar uma mistura de classes sociais convivendo conflituosamente em um mesmo espaço educativo. Hoje, os alunos da Escola Freinet, cujo prédio localiza-se em Tirol, um bairro de elite da Cidade de Natal-RN, são oriundos de diversas zonas da cidade de Natal e de diversas cidades do Rio Grande do Norte, o que nos infere, o acontecimento de construções de vivências diferentes, pois um aluno residente de um bairro periférico, não terá a mesma construção de vivência que um aluno residente em um bairro da elite.

Mesmo assim, identificamos que na escola permanece a mistura de classes sociais, assim como se encontra preservada uma prática educativa submetida a um só entendimento: o de proporcionar educação para todos os alunos, mesmo que sejam de classe sociais diferentes. Indo mais a fundo, buscando uma maior aproximação e



compressão junto as práticas educativas da escola, foi possível encontrar muitas situações, a micropolítica escolar e participação dos alunos na gestão educacional e o quanto isso estaria sendo relevante para os alunos.

Começamos, então, a tentar entender, por meio da entrevista estruturada, como classificaríamos seu relacionamento junto aos seus colegas. As respostas revelaram que a maioria dos alunos considera a escola Freinet um lugar de encontro, de relações sociais não só com seus colegas, mas também com seus professores, um local onde ocorrem práticas sociais e onde aprendem sobre política. Também descobrimos ser um local onde os alunos se sentem à vontade.

Durante a pesquisa, descobrimos que do total de 18 alunos da turma do 9º ano, 12 alunos, ou seja, 67%, entendem que a escola é um lugar onde eles aprendem sobre política e praticam a política diariamente. Essa dimensão da aprendizagem se encontra totalmente atrelado a nossa pesquisa quando falamos das concepções políticas e sociais que educam os sujeitos nesta escola.

Trazendo para o debate o pensamento de Paulo Freire (2002) podemos dizer que a educação que proporcione a leitura crítica do mundo e permita a compreensão da sua realidade social e política, seria a essência da educação emancipadora e autônoma, que possibilita que pessoas das classes menos favorecidas da sociedade desenvolvam uma consciência crítica de sua situação e vejam-se como protagonistas da própria história, capazes de transformar a realidade, sempre coletivamente. Já para Freinet (2004) o aluno tem responsabilidade pela aquisição de sua aprendizagem política, afirmando que ela é um processo natural nos seres humanos. A escola, de modo geral, não caminha para o mesmo sentido, ela se coloca no meio deste processo acreditando ser ela o elo entre aprendizagem e indivíduo.

Por meio dos diálogos na reunião do grupo focal, observamos que os próprios alunos se posicionam positivamente quanto a importância das práticas na escola nos



contextos da aprendizagem, da política e da liberdade, vejamos o que o representante C5, nos diz:

A gente acha que tipo, os debates, os trabalhos pedagógicos, as dinâmicas e o próprio grêmio escolar, a diversidade fazem a diferença. O teatro é algo muito importante também, pois era uma coisa difícil para mim, e agora consigo participar. Gosto de Tudo na escola. Aprendi a respeitar a opinião dos outros, mudei muito desde que vim parar aqui nessa escola. Gosto da forma de ensino, porque vim de uma escola bem tradicional e o que aprendi foi tentar ter mais paciência com o outro. Gosto de ter abertura para conversar, acredito que tudo se baseia na conversa e em ouvir o outro (REPRESENTANTE C5, 2019).

Observamos nas falas dos alunos uma grande marca representativa da expressão livre e do uso da cultura e da formação da micropolítica atrelada a autogestão, como algo importante e marcante para a formação e constituição das concepções políticas e sociais dos alunos. É verdade, que para que isso aconteça gradativamente é preciso que o aluno entenda o que cada uma dessas categorias representa em sua formação. Muitas vezes, nos surpreendíamos com as respostas ou reflexões que eles pronunciavam.

Constatemos pela própria fala do aluno, como ele percebe a proposta de educação na qual a liberdade é praticada. Pela sua voz e linguagem típica dos adolescentes. Vejamos:

Tipo, a escola tradicional é feita para o mercado de trabalho: Exemplo, Sentar-se na fileira, passar 5 horas sentado fazendo alguma coisa que não gosta, sob o tom hierárquico de alguém que está ali mandando em vocês, onde não temos liberdade. Nesse caso a figura hierárquica é a do professor, aquele que a gente tem que obedecer. E Aqui não, aqui é totalmente ao contrário, até a maneira como a escola se organiza é diferente da tradicional, é interessante, eu gosto disso (REPRESENTANTE, A2 2019).

Nesse sentido, buscamos um dos professores para compreender o pensamento do aluno, pois se observa que os professores nessa escola compreendem a importância de ouvir os alunos. “Precisamos ouvir nossos alunos, o mundo está mudando rapidamente, e

precisamos acompanhar essas mudanças, como dar uma aula sobre liberdade? Dando Liberdade”. (Professor Hugo Castro, 2019).

Esse entendimento é de ordem prática, pois, a liberdade não é uma abstração, ela manifesta-se enquanto as condições são criadas para seu exercício, mas liberdade não se dá nem se recebe, ela é construída na relação que tende a ser conflituosa.

Assim, a relação de liberdade está atrelada a construção da identidade criada para a escola quando pensamos na micropolítica escolar por meio da prática educativa, nesse viés, precisamos pensar a palavra política com os olhos voltados para algumas perguntas: como se constitui o pensamento político destes alunos?

No sentido de entender em primeiro lugar o que é política? Qual o papel dos alunos quando falamos de política na escola? Construimos por meio da pesquisa as respostas. Conforme os alunos a política está em tudo que constitui a escola, e eles são construtores permanentes desse processo, demonstrando que sabem qual o seu papel diante das demandas diárias.

Foi muito bonito perceber que eles compreendem a escola enquanto um espaço politizado e a política se faz presente em tudo. Para uma aproximação do que nos foi dado saber na pesquisa, fiz a descrição do que um estudante nos narrou, vejamos:

A política está em tudo! É a maneira da gente se relacionar com todo mundo. A política aqui na escola é diferente porque eles (os professores) nos dão ouvidos, escutam o que a gente fala, mesmo que a gente não acolha tudo que eles dizem, mas eles estão abertos a nos escutar. (REPRESENTANTE B2, 2019)

Diante desta fala da representante B2, observa-se, o conceito de micropolítica, que abraçamos como teoria fundamental, de acordo com a aluna, uma das diferenças no processo de educação política da escola é que mesmo os alunos não concordando com tudo o que os professores dizem, eles têm a certeza de que os professores os escutam.



Talvez, essa seja uma das atitudes educativas mais importantes da escola, a escuta autêntica.

Resultados e discussão

Agora que conhecemos um pouco da micropolítica e da gestão educacional que acontece cotidianamente na escola, podemos perceber que estes alunos vivem uma situação de relações. Relações através das práticas políticas e pedagógicas da escola, e que ao conseguirem compreender este fenômeno os alunos criam sua concepção política e social de sujeito atuante.

Sabemos que nem tudo é perfeito em todo esse tear educacional, mas, a escola deixa marcas, como que tatua nas pessoas os processos positivos e suas marcas negativas. Assim, sendo, nos parece que a visão da liberdade dos alunos é uma fonte a partir da qual eles se pronunciam quanto ao que é positivo e negativo na escola e no seu processo educativo. Podemos dizer que a formação da personalidade das pessoas que frequentaram a escola, carrega muito do que viveram no tempo da construção de sua educação escolar.

À vista disso, pensando nas palavras dos alunos, podemos entender que estamos todo o tempo falando das práticas pedagógicas que ocorrem dentro e fora da sala de aula, ao serem as conversas em outros espaços, a convivência e amizades que constroem cotidianamente uma atmosfera de aprendizagem o que importa a Escola Freinet.

Por fim, entendemos que quanto mais se realizam pesquisas que têm como estratégia ouvir a voz dos alunos e alunas, mais se amplia e se aprofunda a compreensão de que não podemos falar por eles, mas que precisamos criar as condições para que eles se pronunciem, implicando necessariamente em um processo de assumirmos que na pesquisa que envolve jovens e adolescentes a tarefa do pesquisador é ouvi-los.

Podemos inferir que os alunos evidenciaram que na escola onde estudam, são escutados e que, em uma escola com esse projeto educativo, a educação não se restringe a uma mera transferência de conhecimentos, se torna um lugar de vida, de produção de



conhecimento e que propulsiona novas formas de interpretar, ver e ouvir a realidade a partir de si, mas na relação com o outro.

Considerações finais

Queremos crer, que o nosso objeto de estudo se revestiu de substancial originalidade, em razão da pouca produção científica deste assunto estudado voltada para o ensino fundamental, anos finais, e para o fato de procurarmos construir a percepção sobre as implicações do processo educativo da Escola Freinet, a partir da percepção e voz dos alunos que estudam nessa unidade de ensino.

Colocamos como característica principal a proposta de realizarmos uma pesquisa, que nos permitisse interagir e intervir junto aos alunos. A interação, na perspectiva interventiva, entre pesquisadora e sujeitos colaboradores, permitiu a discussão sobre as práticas pedagógicas acompanhadas do olhar pedagógico dos professores e do olhar curioso e orgulhoso dos alunos que participaram das entrevistas e da reunião do grupo focal.

Assim, nutriu-se por meio destes momentos, o respaldo teórico para possíveis e necessários redimensionamentos e, por outro lado, a partir da complexidade e fertilidade da sala de aula, revelar conhecimentos novos, pertinentes à consistência que deve revestir o ato de ensinar e de aprender e o desvendar de como surge e se materializa a micropolítica escolar e gestão educacional.

Entender como se materializa a micropolítica na escola e como se dá a participação dos alunos na gestão educacional foi o verdadeiro sentido do nosso trabalho na Escola Freinet. Consideramos que as práticas que acontecem nessa escola de fato educam o sujeito para a cidadania, para os processos políticos porque o projeto educativo possibilita



uma consciência de que o que aprendem e apreendem no cotidiano escolar serve para a vida dentro e fora da escola.

Pensamos assim, porque percebemos que as aprendizagens estão sempre imbuídas de um conteúdo que contempla um fazer político articulado com as relações sociais, como podemos constatar no capítulo em que tratamos das técnicas da escola.

Os estudos que realizamos, evidenciaram não só a consistência teórica de Freinet e Freire, mas nos permite na conclusão desse artigo afirmar que estes dois teóricos são dos poucos praxiológicos no campo educacional, enquanto observando as demandas de suas práticas, pois, pensaram e formularam teoricamente e experimentaram as ideais formuladas.

Freinet tomava a vida, ou seu acontecendo como um a-se-pensar (pensar no que fazia) e a-se-transformar (para ocorrer a transformação). Enquanto Freire, pensou uma pedagogia da Esperança para esperar ao pensar o um mundo que precede a palavra e assim o fez, formulando e transformando o mundo.

Referências

BOLEIZ JUNIOR, Flávio. Freinet e Freire: Processo Pedagógico como Trabalho humano. São Paulo, 2012. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

CAVALCANTI, Adriana Vasconcelos. Freinet: A Relevância da Reunião cooperativa para o processo de ensino e aprendizagem na gestão das relações sociais do Ensino



Fundamental. Trabalho de conclusão de curso. Pedagogia. Centro de Educação. UFRN (2017).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

DANTAS, Joana D'arc de Souza. A ação pedagógica do professor e a aprendizagem do aluno: um trabalho cooperativo, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

FREINET, Célestin. A Educação do trabalho. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins fontes, 1998.

FREINET, Célestin. Livro, Pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE. Paulo. Livro, Educação como prática de liberdade: a sociedade brasileira em transição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. Livro, Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, 42.

GONZÁLEZ GONZÁLEZ, M. T. La micropolítica escolar: algunas acotaciones. Revista Professorado. v.1, n.2, p.45-47, 1997.

HOYLE, E. Micropolitics of educational organizations. Educational Management and Administration, N. 10, p. 87–98, 1982.

KOSIK, K. Dialética do Concreto. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1976

Data de envio: 18/12/2023

Data de aceite: 28/02/2024

